

A PORTA E O JARDIM: UMA INTRODUÇÃO AO EPICURISMO E ESTOICISMO DA GRÉCIA PÓS-SOCRÁTICA.

Uipirangi Franklin da Silva Câmara¹

RESUMO

O presente ensaio pretende oferecer a partir da compreensão do Estoicismo e Epicurismo, de forma panorâmica, elementos que possam contribuir para um exercício filosófico-pedagógico de pensar uma vida boa, traduzida como exercício da cidadania de forma livre e responsável. Sem expressar necessariamente o conceito de vida boa e de cidadania livre e responsável, o texto pretende deixar tais conceitos subentendidos. Como princípio metodológico, o presente ensaio resguarda-se a apontar aspectos históricos usando-os, de maneira interdisciplinar, como pontes para o diálogo que permita encadear perspectivas diferenciadas sobre o significado e propósitos de uma vida boa. Dentre os diversos objetivos postulados, figura o de permitir que se construa a partir de uma análise histórico-filosófica caminhos para a prática pedagógica que se insere no domínio da Filosofia da Educação.

Palavras Chaves: Estoicismo, Epicurismo, Filosofia da Educação, Cidadania.

ABSTRACT

This essay aims to offer from the understanding of Stoicism and Epicureanism, in a panoramic view, elements that can contribute to a philosophical-pedagogical exercise of a good life thinking, translating a freely and responsibly citizenship. Without necessarily express the concept of the free and good life and responsible citizenship, this paper seeks to leave such implied terms. As a methodological principle, this essay protects a pointing to historical aspects using them in an interdisciplinary manner, as bridges for dialogue to string together different perspectives on the meaning and purpose of a good life. Among the many goals, it postulates a figure to allow us to build from historical-philosophical analysis paths for pedagogical practice that is within the field of Philosophy of Education.

Keywords: Stoicism, Epicureanism, Philosophy of Education, Citizenship.

INTRODUÇÃO

A relação entre Filosofia e Pedagogia pode ser descrito como uma relação de construção permanente. A Filosofia propõe a Pedagogia elementos para que se investigue seus fundamentos, pressupostos, alvos e razão e ser. A Pedagogia, por sua vez, nessa relação dialogal, devolve verdades e esperanças através do seu fazer maior:

¹ Professor de Filosofia da Educação, graduado em Filosofia e doutor em Ciências da Religião.

Educação. Na opção escolhida por este ensaio, educação como proposta de libertação, conforme apregoa Paulo Freire (2013). Desse viés decorre a questão que norteará a busca pelas contribuições de duas das mais importantes escolas filosóficas da Antiguidade Clássica-Estoicismo e Epicurismo: Existem construtos propostos por essas escolas que viabilizem pensar elementos para o exercício de uma vida boa, responsável e cidadã?

Esse ensaio, inicialmente, por uma opção metodológica, pretende pontuar alguns aspectos que envolvem conceitos e princípios constituintes do epicurismo e estoicismo, restringindo-se ao período de fundação de ambas as escolas, e apontando de forma bem panorâmica algumas de suas influências na História Presente.²

Estoicismo e Epicurismo são apresentados como um remédio para um mundo decadente e atormentado. As frustrações com a polis, as guerras púnicas, a viagem sem retorno da Filosofia para o hiperrurâno, trazem para um jardim e para um mercado, mais especificamente para um pórtico, a oportunidade de cuidar do cotidiano com uma espécie de *regras para o bom viver*.

1. ENTRE ÁTOMOS E FLORES: O EPICURISMO

Epicuro nasceu em Samos (341 a.C.). Seu pai era professor e sua mãe advinha e mágica. Jovem vai para Atenas onde funda uma escola de filosofia, cuja marca profunda são os jardins nos quais Epicuro ensina vida e pensamento e aos seus discípulos. De suas muitas obras, só nos restam alguns fragmentos de suas máximas e três cartas: a Meneceu, Heródoto e a Pítocles.

O Epicurismo tem como objetivo principal tornar o homem feliz, livrando-o de suas angústias e inquietações. Ataraxia é o nome dado para esse processo de “salvação”. Segundo ele, a religião é fonte de angústia e a ciência a única capaz de dissipar a angústia³ e proporcionar tranqüilidade ao homem. A religião é fonte de todas as angústias justamente por incentivar explicações supersticiosas e míticas acerca dos fenômenos naturais.

Com base nas idéias de Demócrito (física materialista), Epicuro diz que os fenômenos naturais são explicados de formas naturais e têm aí a sua causa. Suas explicações não se propõem à satisfação científica, mas tem uma única finalidade: trazer tranqüilidade aos homens. Também é de Demócrito que toma emprestado o atomismo. Nada provém do nada, diz ele, mas forma-se a partir de elementos que existem antecipadamente: surge a idéia de átomos. O atomismo⁴ de Demócrito elimina, portanto, a crença num Deus criador, já que os átomos são eternos. Além disso, não cabe em Demócrito, a idéia de um Deus que intervém no mundo, que pune e recompensa. Os deuses abstêm-se de penetrar no mundo porque ficariam expostos aos movimentos incessantes dos átomos e deixariam de ser invulneráveis.⁵

² O termo é usado para distinguir nosso tempo presente dos conceitos de Modernidade, Contemporaneidade já consagrados na academia.

³ VERGES, A. *História dos filósofos*. André Vergez e Denis Huisman. 5^a ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982, p.68.

⁴ Ibid., p.69.

⁵ Idem ibidem.

Para Epicuro, os deuses nunca se ocuparam com o mundo e com os homens, nada temos a temer ou a suplicar.

Como tudo que existe é formado de átomos imortais, a alma também é imortal. Apresenta, no entanto, uma diferença: os átomos são eternos, mas a alma é um agrupamento fugido de átomos. Sendo assim, a alma inseparável do corpo, morre com ele. No entanto, temer a morte é insensatez, porque a morte quando decompõe nossa alma, priva-nos de toda sensação. Por exemplo: enquanto vivemos a morte está ausente, quando ela for presente, nós não o seremos mais.

Por outro lado, para evitar o determinismo, Epicuro criou a idéia de *clinamem*. Os átomos que se movem em virtude de seu peso, paralelamente na mesma velocidade, estão sujeitos a uma excessão em relação à grande lei que rege sua queda, esses desvios caprichosos é que formam indivíduos e mundos e são também responsáveis pela liberdade da alma humana tal como apreendemos em nós.⁶

A busca pela felicidade, pelo prazer em Epicuro é amparada por uma moral bem delineada. Para ele o prazer não é o prazer desenfreado, mas a ausência de dor. Ou seja, uma fuga de todas as ocasiões de dor, de todos os riscos, de todas as aventuras. Na busca pelo prazer é preciso discernir entre os prazeres existenciais (luxo, vaidade, etc.) que devem ser evitados e àqueles naturais ou absolutamente necessários que devem ser buscados. Esse culto ao prazer funda-se numa moral austera e ascética: um pouco de pão, um pouco de água, um pouco de palha para dormir, um pouco de amizade.⁷

Epicuro tinha um lema: viva ocultamente.⁸ A sabedoria consiste em livrar-se das paixões e refugiar-se num estado de indiferença, de imperturbabilidade. As influências que o mundo interior pode exercer sobre a vida, pelos sentimentos e desejos desenfreados, devem ser domados, superados.

A filosofia de Epicuro é dividida em três partes: canônica, física e ética. A canônica, sendo introdução ao pensamento de Epicuro, apresenta o critério que embasa sua teoria do conhecimento. A física vai tratar da teoria dos átomos e as implicações na constituição do universo, dos seres vivos e dos homens. A ética, ponto de convergência de toda doutrina de Epicuro, apresenta a forma em que os homens podem tornar-se felizes, livres das mazelas que o perturbam, sejam essas causadas pela política, sociedade ou advindas da religião.

É importante entender em relação a canônica, que essa, apresenta-se não numa proposta teórica, mas prática, utilitarista, é um saber para a vida. As graduações e critérios da verdade são as sensações, antecipações e sentimentos. As sensações são impressões recebidas pelos sentidos via estímulos externos. São verdadeiras porque causam movimento. Só o que existe causa movimento. As sensações (*phantasíai*) são causadas por imagens minúsculas chamadas de *eídola* simulacros. Essas imagens afetam os sentidos na medida em que esses o registram. São cópias verdadeiras da realidade.

Ao penetrar nos órgãos dos sentidos, esses ídolos ou simulacros fornecem fotografias exatas do mundo exterior.⁹ Essas percepções e as imagens nos sonhos são

⁶ Idem ibidem.

⁷ Ibid., p.70.

⁸ ULLMAN, R.A. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p.44.

⁹ Ibid., p.49.

verdadeiras porque produzem impressão em nós. Para Epicuro, o que não existe, não pode causar impressão.¹⁰

Os juízos são verdadeiros quando são confirmados pela sensação. Por exemplo: prazer e dor são sinais verdadeiros (sensações) do que deve ser evitado ou buscado do ponto de vista moral. Por outro lado, os juízos podem produzir o erro, já que a totalidade das impressões recebidas e a natureza dos homens são iguais. Então não é na sensação ou percepção que se fundamenta o erro, mas naquele que expressa o julgamento sobre ela.¹¹ O julgamento sobre se algo é bom ou não, se causa felicidade ou dor vem do movimento muscular. Esse movimento vai dizer se o objeto merece ser apetecido ou rejeitado.¹² A vontade também ocupa um lugar importante no processo de conhecimento, já que a alma pensante é movida pelos objetos desejados ou que não são desejáveis.

Os conceitos universais, entendidos como antecipações, são formados através de sensações rejeitadas que são conservadas na memória. A sensação origina a atividade mental de relação, comparação e ordenamento das mesmas sensações. As idéias universais fixadas em nossa mente são organizadas e ordenadas. Essas formas ou categorias prontas a organizarem os dados que nos vêm da experiência, recebem o nome de antecipações.¹³ Essas antecipações proporcionam o conhecimento ao ser humano. Esse ato de passar do conhecido para o desconhecido recebe o nome de suposições. Essas suposições são como que uma interpretação que fazemos de nossas sensações.

As suposições podem ser classificadas como a passagem à previsão de outros fenômenos que podem ser verificados experimentalmente e também passagem a uma causa oculta que escapa a experiência direta. A partir de fenômenos que se experimentam, se pode concluir para o invisível, por exemplo, os átomos, cuja existência admitimos por suposição. Por fim, os sentimentos, que não nos dizem nada sobre o mundo transcendente, mas nos indicam o caminho a ser seguido em nossas ações. Não deixando de auferir sempre o prazer.

Os estudos sobre a natureza, literatura, geometria etc., só são interessantes enquanto contribuem para a felicidade do homem. O benefício de toda investigação é a possibilidade que pode proporcionar para a remoção dos obstáculos em busca da felicidade (*eudaimonia*).

A Física de Epicuro é tratada em sua obra de 37 livros, o *peri phýseous*. Para ele todas as coisas são constituídas de átomos. Os átomos não são atingíveis pelos sentidos, representam os corpos e seu movimento. A existência dos átomos é inferida a partir da observação da permeabilidade dos corpos ao frio, ao calor, à umidade e aos sons. Esses átomos têm peso, esse peso é responsável por sua queda em linha reta, no entanto, por atuação de um poder próprio, podem se desviar levemente no espaço em qualquer tempo e ponto, de forma casual, dando origem assim à formação dos corpos. Os átomos são eternos, não tem origem ou início, não tem peso, forma e tamanho, nascem e se movem eternamente dando início a mundos infinitos. Num

¹⁰ Idem ibidem.

¹¹ Idem ibidem.

¹² Idem ibidem.

¹³ Ibid., p.51

processo de palingenesia, os átomos voltam para o vácuo e formam novos corpos e novos mundos.

A filosofia de Epicuro tem sua razão de ser em sua ética. Essa é entendida como a busca da felicidade através da remoção dos obstáculos lançados pela política, pela religião e pelas relações sociais, o que pode ser enfatizado na lembrança de seu quádruplo remédio: os desuses não devem causar medo; não é preciso temer a morte; o prazer é acessível ao homem e é possível suportar a dor.¹⁴ Aos seus discípulos incentiva através de sua prática, uma vida em que idéias e experiência andem juntas. Aliás, o seu ideal é expresso no significado de seu próprio nome, Epicuro, do grego *epíkouros*: auxiliador, aquele que presta ajuda.¹⁵

Quando o ser humano busca o prazer, na verdade, busca a felicidade natural. Como na vida é impossível gozar todos os prazeres e evitar todas as dores é necessário fazer uma escolha inteligente através do *logismós*. Os prazeres dos quais resultam uma dor maior devem ser evitados. No entanto, quando suportar uma dor, por ser inevitável, pode trazer um prazer maior, então ela deve ser suportada. *Hesychía, aponía, galena* - serenidade, ausência de dor, tranquilidade como um barco num mar sem ondas. O homem não pode ser perturbado nem pelos deuses, nem pela morte, pela dor ou pelas opiniões dos outros. A *eudaimonia* surge como proposta à *nakodaimonia* (infelicidade), sabedoria para livrar-se dos temores e para poder decidir quando a dor deve ser abraçada e quando se deve deleitar-se no prazer.¹⁶

A virtude não pode se constituir apenas de sacrifício. Deve buscar também a recompensa pessoal e nesse sentido deve ser escrava do prazer. Só se alcança a virtude com *phróneses*, *logismós*, *soprousýne* e *dike* (inteligência, calculismo, autodomínio e justiça).¹⁷ A prudência proporciona o verdadeiro prazer, buscando evitar a dor, porque se fundamenta em reflexão, em ponderação. Fruto da razão e cálculo. O autodomínio é necessário para que sejam evitados os bens materiais, a cultura sofisticada e a participação na política. Todas essas coisas são supérfluas. Mesmo como resultado de convenção social, a justiça deve ser buscada porque produz a imperturbabilidade para quem dela usufrui. O paradigma do epicurismo pode ser resumido na atitude interior que independe de condições exteriores, aonde a individualidade pauta-se em suas ações.

2. ENTRE A TERRA E O CÉU: O ESTOICISMO

Estudar o estoicismo comprehende a necessidade de sua vinculação com reflexões sobre a natureza, a lei e as formas de relação entre elas. A necessidade de um fundamento para a boa lei, para legitimar o cotidiano, os novos tempos, vai levar os estóicos a formularem um cosmos teorizado como harmonia de forças contrárias. A justa medida contemplada na natureza é o que se deve buscar na vida política e particular. Os estóicos vão justificar essa afirmativa ao ler a natureza de forma

¹⁴ Ibid., p.62.

¹⁵ Idem ibidem.

¹⁶ Ibid., p.63,64.

¹⁷ Ibid., p.66,67.

dogmática. Aos princípios da natureza todos devem se submeter. A natureza é quem determinada o que somos e como agimos:

A natureza estóica é teorizada como divina em sua eterna normatividade, em sua prevista ordenação e força constitutiva dos seres. Sem a presença das divindades míticas, ela é abstrata em sua sacralidade e ampara a universalidade do homem quanto ao uso do *logos*, uma vez que ele é cósmico e pertinente a todos os seres, portanto à própria natureza humana. A *Physis* sustenta a noção de igualdade, e forma, por princípio, o modo de ser e de agir dos seres... todo homem é *lógikos*, pois o natural é *lógikos*. Todo homem pertence ao cosmo, e toda cidade deve ser a expressão do modo de ser cósmico.¹⁸

O núcleo fundamental no estoicismo pode ser a concepção de que uma lei divina e natural, comum a todos os cidadãos, é o paradigma pelo qual todos os seres humanos têm o seu princípio constitutivo e pelo qual baseiam sua conduta.¹⁹

O estoicismo pode ser compreendido²⁰ a partir de três períodos:

1. Estóicos antigos (séc.3-2 a.C.);
2. Estóicos médios (séc.2 a.C.);
3. Estóicos tardios ou romanos (séc.1 a.C. - séc. 2 a.C.).

Os principais mestres estóicos, divididos nos respectivos períodos são:

- *Estoicismo antigo*: Zenão de Cílio (336-246 a.C.); Cleanto de Assos (331-232 a.C.); Crisipo de Soles (277-208); Ariston de Chíos, Hérilo de Cartagena, Dionísio de Heracleota, Perseu de Cílio, Esfero do Bósforo;
- *Estoicismo médio*: Panécio de Rodes (185 a.C.); Possidônio de Apaméia (130-51 a.C.);
- *Estoicismo romano ou tardio*: Lucio Naneu Sêneca, de Córdoba, (8 a.C. a 65 d.C.); Epicteto de Hierápolis(50-125 d.C.); Marco Aurélio de Roma(121-180 d.C.); Musônio Rufo e Arriano.

A filosofia estóica nos é conhecida pelas obras dos estóicos tardios: Epicteto, Sêneca e Marco Aurélio. Em relação aos fundadores da escola, os estóicos antigos, só nos restam os fragmentos citados por Diógenes Laércio e Estobeu, ou por críticos como Plutarco e Cícero.²¹

O estoicismo foi fundado por Zenão de Citium-ilha de Chipre (336-264). Em Atenas para onde foi ainda jovem, foi discípulo dos cínicos e no início do 3º século fundou uma escola filosófica. O nome estóico é uma referência ao local onde Zenão ensinava: perto do pórtico (stoa) Poecile. Além de Zenão, nesse período de fundação,

¹⁸ GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola, 1999, p.41.

¹⁹ Rachel Gazolla chama esse princípio de *koínos nómios*, Op.Cit.,p.41.

²⁰ Essa divisão nos ajuda a entender o estoicismo em seu desenvolvimento durante 5 séculos.

²¹ Hans Von Aunim entre 1903 e 1905 reuniu esses fragmentos gregos e latinos numa obra conhecida como *Stoicorum Veterum Fragmenta*.

temos Cleanto (331-232) que compôs o “Hino a Zeus” e Crisipo (280-210) nascido em Tarso, que deu o caráter sistemático à doutrina estoica.²²

A doutrina estoica é geralmente dividida e, três partes: uma física, uma lógica e uma moral. Na perspectiva filosófica estoica estão interligadas e a física não pode ser concebida separa da moral.

O estoicismo comprehende uma razão suprema, natureza, que é a causa e determinação de tudo o que acontece. Há uma harmonia imanente no universo, expressão da racionalidade da qual a natureza é portadora. A natureza é a vida universal (o próprio Deus). Sendo compreendido através da seguinte proposição: o mundo inteiro se assemelha a um imenso ser vivo, cujos órgãos são os diversos indivíduos e cuja alma é Deus. Deus é a razão imanente do universo. O universo, cujo corpo é Deus é um organismo perfeito, cujo mal só existe em função do bem. Sendo o homem um órgão desse imenso organismo é natural que o homem se submeta ao seu destino.²³

A lógica estoica expressa a idéia de um cosmos harmonioso em que todos os acontecimentos e todos os seres estão ligados, unidos por um destino racional. A teoria do conhecimento fazia uma distinção entre representação mental, assentimento e compreensão (*katalepsis*): uma apreensão da idéia. A ciência é uma ligação de conhecimento da razão humana do seu parentesco com a razão divina, a concordância com a natureza.²⁴

O estoicismo comprehendeu a felicidade como uma atitude da vontade. O homem é feliz quando deseja que as coisas sejam o que são. A idéia expressa nessa atitude é de que se deve viver de acordo com a natureza, sendo um ser racional, consentindo com a racionalidade do destino. A liberdade é entendida como um assentimento a essa determinação, por comprehendê-la como racional e seu assentimento como expressão de sua natureza racional.²⁵

Na vida, existem coisas que dependem de nós, como nossas decisões e outras que não, como saúde, morte, etc. Como o ser humano tem posse de seus juízos e paixões, o objeto dessas paixões só se valoriza em função do juízo que se faz dele. Dessa maneira a importância das coisas provém tão somente de nossa opinião. Se dominarmos nossas opiniões, seremos senhores do universo.²⁶

A moral estoica é considerada como uma disposição de vontade, uma moral de intenção. É extremamente rigorosa porque não considera casuística e nem meias medidas. A virtude consiste na retidão do querer: “Quem não é sábio é louco. Afogamo-nos tanto com meio palmo de água acima do nariz quanto nas profundezas de um abismo do mar.”²⁷

²² VERGES, op.cit., p.59.

²³ Ibid., 60.

²⁴ Idem ibidem.

²⁵ Idem ibidem.

²⁶ Ibid., p.61.

²⁷ Idem ibid.

3. ESTÓICOS E EPICURISTAS: REMÉDIOS E FLORES PARA TODOS OS TEMPOS

Embora não possamos abarcar toda a influência do estoicismo e do epicurismo para além da Grécia, é possível apontar alguns relances dessa influência. Do judaísmo e cristianismo à psicologia e filosofias modernas, os filósofos dos jardins e da stoa deixaram sua marca.

Karl Marx em sua tese de doutorado reconhece essa transposição dos limites geográficos:

E afinal, se lançarmos um olhar à história, veremos o epicurismo, o estoicismo e o scepticismo como fenômenos particulares? Não serão arquétipos do espírito humano? A forma sob a qual a Grécia emigra para Roma? Não terão uma essência tão característica, intensiva e eterna que o próprio mundo moderno foi obrigado a conceder-lhes direitos de cidadania intelectual?²⁸

Num olhar de relance é possível observar que o principal sistematizador do cristianismo, São Paulo²⁹, comprehende um mundo ordenado, com leis claras ou pelo menos inteligíveis, que devem e podem ser compreendidas. A relação dessas leis para a humanidade pode ser entendida na figura de retribuição, sábia decisão: boa recompensa. Decisão errada: castigo.

Esse tipo de pensamento é corrente entre o judaísmo da época. Alguns provérbios judaicos corroboram nesse sentido: “Todo cumprimento do dever é recompensado com outro, e toda transgressão é castigada com outra. Quem se conservar puro recebe o poder para sê-lo, e quem quer ser impuro se lhe abrem as portas do vício”.³⁰ Essa concepção está relacionada não apenas com uma imagem sobre o universo, mas uma compreensão de que os padrões de moralidade devem obedecer a essas leis “cósmicas”. Os valores morais são leis da vida, divinamente ordenadas, as quais estão escritas na própria estrutura do universo.³¹ Os leitores de São Paulo não teriam problema algum em compreender sua linha de argumento, pois partilhavam da mesma cosmovisão: Na vida há uma lei moral segundo a qual os homens são deixados entregues as conseqüências do curso da ação que eles mesmos escolheram livremente.³²

A questão é que esse conceito é extremamente importante para a compreensão do texto Paulino porque se reforça na conjunção do judaísmo e do estoicismo. É justamente na filosofia estóica em contraponto com o epicurismo, que essa visão do universo com leis que devem ser respeitadas, porque comprehendem o desígnio divino, são justificadas e relacionadas com a idéia de retribuição. No pensamento do estoicismo desrespeitar essas leis comprehende aceitar a revolta da natureza, comprehendida em catástrofes, enfermidades e mortes.³³

²⁸ MARX, K. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. São Paulo: Global Editora, s.d. p.18.

²⁹ É possível observar essa idéia claramente na Epístola de Paulo aos Romanos no capítulo 1, versículos 18 e 19: “Pois do céu é revelada... por quanto o que de Deus se pode conhecer...” Bíblia de Jerusalém.

³⁰ BARCLAY, William. *El nuevo testamento comentado*. Vol 8. Buenos Aires: La Aurora, 1973. p.41.

³¹ BARISH, Rebecca e Louis. *Crenças básicas do judaísmo*. São Paulo: Edigraf, 1967.p.98.

³² BRUCE, F.F. *Romanos - introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1996.p.67.

³³ Ver MONDOLFO, Rodolfo. *O homem na cultura antiga - a compreensão do sujeito humano na cultura antiga*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

Epicuro, por sua vez, contrasta a noção como fruto de mitologia, invenção humana, para não admitir a responsabilidade de livre escolha de seus atos. É importante notar que Epicuro configura a linha de batalha sobre a qual os estoicos vão fundamentar a legitimidade de seus conceitos. Epicuro vai repudiar esse tipo de noção como uma suposição falsa, uma crença vulgar segundo a qual os deuses intervêm ativamente para causar dano ou dispensar benefícios aos homens, em retribuição de seu comportamento. Com efeito, diz Epicuro³⁴: “os que se acham acostumados a exercitar sempre suas próprias virtudes, acolhem aos que são como eles e consideram como estranho tudo o que é diferente”.

Mondolfo consegue enxergar que no entendimento de Epicuro o benefício e o prêmio que o homem recebe dos deuses é algo real, mas de realidade puramente subjetiva e interior ao espírito do homem e procedente dele mesmo, não da ação divina exterior e objetiva. E mesmo deve dizer-se dos castigos que vulgarmente se supõe procedem dos deuses e caem sobre os culpados. Epicuro, no entendimento de Lucrécio (*De rerum natura*, VI, 14 e ss.),³⁵ comprehendeu que o espírito humano, como vaso receptor das imagens dos deuses, altera-as ou deforma-as quando crê que das divindades podem provir ameaças e males para os homens, e se angustia e atormenta por esses fantasmas, como as crianças que se surpreendem de espanto na escuridão.

A compreensão de Epicuro é que o tipo de conceito que podemos entender nesse tipo de atitude são forjadas por homens de espírito inquieto:

Tudo isto...não ocorre aos virtuosos, porque eles só acolhem em seu espírito sereno imagens divinas serenas, e não as contrárias que são estranhas a ele. Ocorre por outro lado- explica Lucrécio- que às almas inquietas, que são as únicas que podem atribuir a outros seres sua própria intranqüilidade interior. E, portanto, elas caem num erro que é pecado e impiedade, isto é, o de atribuir aos deuses coisas indignas deles e totalmente alheias à sua serenidade divina.
³⁶

Na psicologia podemos ver a influência do epicurismo e estoicismo pelo menos em dois momentos bem distintos. James Mill³⁷ em sua obra mais importante: *Análise dos Fenômenos da Mente Humana*, diz que a mente humana éposta em ação por forças físicas externas, sendo dirigida por forças físicas internas. Para ele, a mente humana é uma entidade passiva que sofre a ação de estímulos externos e deveria ser estudada através da análise, pela redução a seus componentes elementares. Ou seja, um estudo mais aproximado do real só seria possível por um processo de decomposição até chegar aos componentes indivisíveis. Como vimos anteriormente, Epicuro disse que as sensações são impressões recebidas pelos sentidos via estímulos externos. A sensação origina a atividade mental de relação, comparação e ordenamento das mesmas sensações. As idéias universais fixadas em nossa mente são organizadas e ordenadas. Essas formas ou categorias prontas a organizarem os dados que nos vêm da experiência, recebem o nome de antecipações. A partir de

³⁴ Ibid., p.85.

³⁵ Citado em Mondolfo, p.89.

³⁶ Idem.

³⁷ Cf. SCHULTZ, Duane e Sydney. *História da psicologia moderna*. 5^a ed. (rev. e amp.) São Paulo: Cultrix, 2002, p.53.

fenômenos que se experimentam, se pode concluir para o invisível, por exemplo, os átomos, cuja existência admitimos por suposição.

O estoicismo deixa sua marca na teoria psicológica conhecida como *Gestalt*. A *Gestalt*³⁸ considera como fundamento teórico uma unidade no universo, onde a parte está sempre relacionada ao todo. Isso implica no fato de que, independente da parte do objeto que está sob minha perspectiva, geralmente serei levado a entender o objeto como um todo. Uma vez que o comportamento é determinado pela percepção do estímulo, precisamos compreender que o conjunto de estímulos determinantes do comportamento é denominado de meio ambiental. Na visão da *Gestalt* esse meio é dividido em comportamental e geográfico. O primeiro, é entendido como meio físico, o segundo como resultado da interação do indivíduo com o meio físico, implicando na interpretação desse meio através das forças que regem a percepção.

É evidente que poderíamos explorar a extensão e aplicação de princípios defendidos por essas duas escolas de forma mais profunda, principalmente fazendo relações com questões debatidas pela filosofia. Por exemplo, Gilles Deleuze desenvolve uma teoria do sentido que leva em conta a influência do estoicismo e sua relação com epicurismo. Para ele os estóicos deram uma importante contribuição a um dos temas mais difíceis da Filosofia: a determinação da natureza e constituição do sentido.³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa espécie de troca simbólica, epicurismo e estoicismo, paradoxal e respectivamente se revestem das imagens de boticário e jardineiro, para proporem mudanças significativas para o caminho da filosofia.

O epicurismo se apresenta como um remédio quádruplo (*tetraphármakos*):

- Nenhum temor dos deuses;
- Nenhum temor da morte;
- Possibilidade clara de limites;
- Fim breve da dor.

O estoicismo, num jardim imaginário, propõe a filosofia como um campo fértil cujo limite é a lógica, a terra arável a física e o fruto a moral.

Seja como for, antes de oponentes, Epicuro e Zenão de Cítio são ao mesmo tempo remédio e fruto sob perspectivas diferentes, para a pergunta sempre inquietante pelo destino e condição do ser humano. Insistência para compreender e embasar a dignidade humana e descobrir no canto da *physis* com encanto e tremor algo além de estrelas.

³⁸ BOCK, A. M.B. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 13 a ed.Reform. e ampl.- São Paulo: Saraiva,2002,p.68.

³⁹ DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva,1974.

REFERÊNCIAS

- BARCLAY, William. *El nuevo testamento comentado*. Vol 8. Buenos Aires: La Aurora, 1973.
- BARISH, Rebecca e Louis. *Crenças básicas do judaísmo*. São Paulo: Edigraf, 1967.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1973.
- BOCK, A. M.B. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 13 a ed. Reform. e ampl.- São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRUCE, F.F. *Romanos - introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1996.
- CHATELET, François. *História da Filosofia*. Rio de Janeiro, vol. I, Zahar Editores, 1981.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- EPICURO. Carta Sobre a Felicidade (a Meneceu). São Paulo: Unesp, 2002.
- EPICURO. Tradução de Agostinho da Silva. Coleção *Os Pensadores*, vol. V, São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 54^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GAZOLLA, R.O *O ofício do filósofo estoico: o duplo registro do discurso da Stoia*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LUCRECIO, Epicuro. *Epicurismo e da natureza*. São Paulo: Ediouro, 1988.
- MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. São Paulo: Editora Parma, s/d.
- MONDOLFO, Rodolfo. *O homem na cultura antiga - a compreensão do sujeito humano na cultura antiga*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- SCHULTZ, Duane e Sydney. *História da psicologia moderna*. 5^a ed. (rev. e amp.) São Paulo: Cultrix, 2002.
- ULLMAN, R.A. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- VERGES, A. *História dos filósofos*. André Vergez e Denis Huisman. 5^a ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982.